



DROGAS, SEUS USUÁRIOS E A ESCOLA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Lais Santos Barbosa de Souza;

Orientador Dr. André Augusto Diniz Lira

Universidade Federal de Campina Grande

laisbarbosapsicologa@gmail.com

Resumo: A partir de discursos (médicos-psiquiátricos, pedagógicos, farmacológicos, políticos, jurídicos e religiosos) gestados na sociedade sobre as drogas e seus usos, a produção de representações estigmatizam os sujeitos inclusive no meio escolar. Nesta pesquisa, fizemos uma pesquisa bibliográfica sobre as representações sociais das drogas e dos seus usuários na Educação Básica, em periódicos da base Scielo, compreendendo o período de 2003 a 2015, a fim de conhecer as principais ênfases, lacunas e possibilidades. Para tanto, seguimos os passos de Gil (1995), na condução da pesquisa bibliográfica, realizando as leituras: exploratória, seletiva, analítica e interpretativa. Identificamos que as representações sociais sobre os alunos usuários de drogas são construídas a partir de uma perspectiva reducionista. As imagens associadas a estes sujeitos estão hegemonicamente ligadas às concepções negativas, sendo representados como criminosos, perigosos, doentes, viciados, violentos, vulneráveis, corroborando com a visão de temor e de amedrontamento. Em contraposição, algumas pesquisas começam apontar para uma compreensão mais sistêmica e complexificada da questão, considerando aspectos contextuais e não reducionistas. Há ainda uma importante lacuna quanto à voz dos alunos nas pesquisas, sendo o professorado o grupo mais estudado.

Palavras-chave: Drogas. Pesquisa bibliográfica. Educação Básica.



INTRODUÇÃO

As drogas sempre existiram ao longo da história da humanidade, sendo utilizadas a partir de sentidos diferentes e em contextos diversos (CARNEIRO, 2009), foi alvo de mudanças no decorrer do tempo, de modo que o contexto histórico-cultural foi delineando as maneiras de se vivenciar tal uso até chegarmos às concepções que se tem hoje sobre essa prática. Frente a essa realidade, a utilização de drogas carrega consigo o signo da moralidade, da noção de bem e mal, certo e errado, confluindo para a produção de representações que marcam os sujeitos que se relacionam com tais substâncias, reduzindo-os a lugares marginais, enquadradas em destinos estanques como o pecado, o crime e a doença (MOTA, 2009).

A partir de discursos (médicos-psiquiátricos, pedagógicos, farmacológicos, políticos, jurídicos e religiosos) gestados na sociedade sobre as drogas e seus usos, a produção de representações estigmatizam os sujeitos inclusive no meio escolar, repercutindo nas práticas pedagógicas atuais desenvolvidas nesse contexto. Logo, o objetivo dessa pesquisa bibliográfica é o de analisar a produção acadêmica brasileira sobre as representações sociais das drogas e dos seus usuários na Educação Básica, compreendendo o período de 2003 a 2015, a fim de conhecer as principais ênfases, lacunas e possibilidades. O objetivo não é fazer um levantamento exaustivo do estado da produção sobre o assunto, mas apontar, com base em estudos recentes, algumas tendências que vem sido desenvolvidas nessa área.

Os estudos e pesquisas sobre drogas realizados no Brasil vêm ganhando espaço e se evidenciando nos mais diversos campos de saber . São antropólogos, sociólogos, historiadores, médicos, juristas, economistas e tantos outros pesquisadores revelando facetas e nos indicando outros olhares possíveis sobre este fenômeno que por muitas vezes se naturaliza em nosso cotidiano (GIL; FERREIRA, 2008). Destacamos, sobretudo, essa multiplicidade teórica e avaliamos de grande valia para o nosso trabalho, entendendo que mesmo tomando como referência uma abordagem específica, não deixamos de considerar outras perspectivas que já possuem uma trajetória anterior a nossa. Partimos, assim, das contribuições da Teoria das Representações Sociais e das pesquisas que vem sendo realizadas a partir desse viés.

A Teoria das Representações Sociais traz contribuições pertinentes para pensarmos o fenômeno das drogas. “Fruto de um diálogo permanente entre indivíduos e grupos” (ARRUDA, 1992, p. 120), as Representações Sociais dizem respeito ao modo como são



geradas a comunicação e a ação pelo senso comum, ao ponto de determinarem nossa visão de mundo e a nossa reação frente às pessoas e às coisas, aos processos (ARRUDA, 1992). Desse modo, Representações são construídas e compartilhadas pelos grupos sociais em relação a objetos, pessoas, acontecimentos e fenômenos do mundo social.

Esses saberes construídos são prescritivos, orientam ações, são “re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas”, de maneira dinâmica, de acordo com a identidade, memória social, a cultura e a história dos grupos que representam (MOSCOVICI, 2003). A partir daí, ao se pensar as drogas no contexto da escola, compreende-se que são construídos e compartilhados saberes sobre esse tema, pela perspectiva dos diversos grupos e indivíduos que se encontram nessa instituição. Estamos interessados nesses saberes para compreender como os educadores, em específico, constroem suas representações sobre o tema das drogas e como isso pode interferir na prática desenvolvida pelos mesmos no cotidiano escolar.

Na tentativa de realizar uma revisão de literatura sobre as drogas no contexto escolar, identificamos que muitos estudos vêm sendo desenvolvidos utilizando a Teoria das Representações Sociais (TRS), com enfoques e resultados ora convergentes, ora divergentes, mas que contribuem para adentrarmos nesse campo e compreendermos quais os avanços e quais os limites que constituem as atuais pesquisas.

METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica constitui-se a partir de um material já existente, pautada principalmente em livros, artigos científicos, dissertações e teses (MOREIRA, CALEFFE, 2008). Nesse sentido, adotamos como bases de dados a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBCT), artigos do *Google Acadêmico*, além de artigos pesquisados na base de dados da *Scientific Electronic Library Online (scielo.org e scielo.br)*, selecionando trabalhos que tem como foco o tema das drogas, possibilitando o diálogo com o contexto escolar e afunilando para os estudos que empregam as TRS. Como palavras-chave foram utilizadas: *representações sociais; drogas; escola*. Ao todo, reunimos 10 (dez) pesquisas, entre artigos, dissertações e teses, que abordavam diretamente a nossa problemática.

A partir das orientações de Gil (1995) sobre como desenvolver uma pesquisa bibliográfica, adotamos os seguintes passos: realizamos primeiramente uma leitura exploratória do material,



com o intuito de compreender, de maneira breve, do que se tratavam as pesquisas e em que medida poderia estar contribuindo com o nosso estudo. Em seguida, adotamos uma leitura seletiva, a fim de selecionar os artigos, dissertações e teses que se aproximavam do nosso objeto de pesquisa, sendo uma leitura mais aprofundada, apesar de não definitiva. Mais adiante, partimos para uma leitura de caráter analítico e interpretativo, adentrando nas ideias e conceitos dos autores, nos conduzindo a visualizar o nosso objetivo proposto. Por conseguinte, desenvolvemos a última etapa, a interpretativa. Nessa fase foi possível atribuímos significados ao que encontramos na leitura analítica.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Atualmente, o uso de substâncias psicoativas representa um grande desafio para a saúde pública e para outros setores como a assistência social, a educação e a justiça, configurando-se como “problema social”. A precocidade deste contato, acompanhado da escassez de informações condizentes com a realidade, sobretudo entre crianças e adolescentes em idade escolar, vem ganhando destaque, demonstrando a necessidade de políticas públicas preventivas que envolvam esta população. Noto (2004, p.45) confirma esses fatos e destaca que nos últimos anos, “(...) os adolescentes representam, sem dúvida, a população mais estudada em relação ao uso de drogas”.

Frente a essa realidade, alguns trabalhos encontrados nas bases de dados enfatizam a questão da prevenção ao uso de drogas nas escolas, tendo como preocupação essa aproximação dos jovens estudantes com as drogas, de maneira prematura. Martini e Furegato (2008) analisaram as representações construídas em relação às drogas pelos professores de uma escola pública em Florianópolis/SC e observaram que as mesmas são organizadas em torno de um núcleo central que se utiliza do conceito de “outro vulnerável”, partindo da ideia de que o adolescente torna-se usuário de drogas por vivenciar inúmeras carências, sejam familiares, sociais, pessoais, psicológicas e/ou econômicas, sendo as drogas configuradas como válvula de escape frente às frustrações, em uma sociedade capitalista.

Também sob a perspectiva da carência que acomete os adolescentes nesse ciclo de vida, o estudo realizado por Araldi; et al.(2012), intitulado “*Representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência: repercussões nas ações de prevenção na escola,*” identifica características típicas dessa fase como fatores que contribuem para o início do consumo de drogas, dentre eles a carência afetiva, à baixa



autoestima e a ansiedade. Sobre as práticas preventivas, os autores apontam quais as representações dos docentes em relação ao desenvolvimento das mesmas no âmbito escolar.

A respeito da prevenção, os autores localizam em sua pesquisa as crenças que os educadores possuem em relação ao espaço educacional, concebendo-o como um facilitador para o exercício desse papel, responsabilizando a instituição pela abertura de caminhos para a implementação de ações que possibilitem essa prática, apesar dos entraves que se colocam.

Destacam que a escola deve articular-se intersetorialmente, pautando a prevenção pelo viés interdisciplinar. De acordo com os autores, os educadores da pesquisa afirmam que nas escolas as práticas preventivas são ausentes e acaba culpabilizando a própria instituição, por não investir em programas de conscientização. Essa ausência das ações preventivas é vivenciada por outros professores, resultado identificado nos trabalhos de Lopes (2003), Anjos (2015) e Moreira; Vóvio e Micheli, (2015) .

Um dos fatores para a não realização de ações preventivas sobre drogas nas escolas e a escassez de práticas que pautem essa questão em sala de aula, segundo os professores, condiz com uma falta de preparo deles para lidar com a temática ao longo da sua formação. Lopes (2003) destaca em sua pesquisa que os professores não se sentem capacitados e competentes para levar a discussão sobre drogas à frente. Somado a isso, os educadores afirmam estar mais envolvidos no repasse do conteúdo do currículo básico, de modo que no estudo de Moreira; Vóvio e Micheli (2015) os professores também colocam como limitação a pouca apropriação dos temas transversais por parte deles e a não atualização dos Projetos Políticos Pedagógicos pelas instituições educacionais, o que dificulta o exercício qualitativo das ações preventivas.

Anjos (2015) apresenta em seu estudo outro aspecto importante a ser pensado: os docentes problematizam a ausência de investimentos no professor, a sobrecarga do trabalho, o acúmulo de diversos papéis e a sua desvalorização, o que conseqüentemente gera o não esforço por parte dos mesmos em garantir todas as demandas que lhes são impostas. Dalbosco (2011), para além disso, destaca em sua tese que os educadores sentem medo e insegurança ao abordarem o tema das drogas em sala de aula, principalmente por não querer submeter-se a represálias e ameaças por parte dos traficantes, sentindo-se impotentes.

As professoras da escola pública Estadual de Curitiba possuem como representação de prevenção ao abuso de drogas, ações voltadas para o seu combate, pautadas na política



proibicionista (LOPES, 2003). Diante desse fato, as professoras não estão sendo estimuladas, segundo o estudo, a ultrapassarem este tipo de abordagem. Pelo contrário, encontram respaldo no próprio discurso e prática do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD).

Essa visão combativa e de repressão ao uso de drogas é convergente nos estudos analisados. Há professores que corroboram com a ideia de que abordar o tema das drogas na escola tem o sentido de informar os malefícios do seu uso e abuso que trazem aos jovens, como afirma o estudo realizado por Ribeiro (2008), partindo desse viés proibicionista do “diga não às drogas” e de informações alarmistas, descoladas da realidade e incentivadas pela mídia.

No trabalho de Cavalcante; et al (2005) os professores procuraram explicar as drogas a partir de alterações, danos e prejuízos que estes causam ao indivíduo, à família e a sociedade. Na percepção deles, também prevalece a ideia de que as drogas são extremamente maléficas. Contudo, esses malefícios são identificados como decorrentes da natureza das drogas e não do seu consumo, apontadas como produtoras de danos psicológicos, físicos, sociais, espirituais e morais.

A representação negativa sobre as drogas e os seus usuários é presente de modo marcante entre ambos os sujeitos das pesquisas encontradas, tanto educadores quanto estudantes. Para Lopes (2003), as imagens associadas às drogas e a prevenção estão sempre ligadas à concepções negativas. As professoras possuem informações sobre a questão do uso e do abuso de drogas, porém elas desconsideram o tripé sujeito-droga-contexto social. Tudo isto faz parte da representação que elas possuem do indivíduo usuário de substâncias.

A pessoa que usa drogas é associada a uma perspectiva reducionista, ora considerada doente, ora vista como criminoso. Cuvello (2004) realiza uma pesquisa comparativa entre alunos da escola pública e privada sobre as suas representações em relação ao “viciado em drogas”. A autora compreendeu a existência de um campo comum das RS estruturada em torno da concepção de que o “viciado” é o principal responsável pela sua condição. A palavra “pena” é a mais recorrente no núcleo central das representações, em ambas as escolas. Os “viciados” são vistos como vítima dos seus próprios atos e culpados por não disporem de força de vontade e nem coragem o suficiente para abandonar o uso. Como representações sociais periféricas, aparece que o “viciado” necessita de ajuda. O usuário de drogas aparece

como uma pessoa descontrolada, que desperta medo nas pessoas, que entram em um caminho sem volta e são doentes.

De acordo com a autora, os adolescentes das escolas públicas possuem uma visão menos preconceituosa, quando enfatizam os elementos desprezo, excluído, angústia, desinformado, sugerindo uma percepção mais relevante com relação aos fatores sociais, de cunho social. Os adolescentes das escolas privadas dão ênfase no aspecto da relação familiar e possuem uma representação mais pessimista, responsabilizando o “viciado” como causador de sua condição muito mais do que os adolescentes da escola pública. Os “viciados” ainda são percebidos de uma maneira preconceituosa, posicionamento ancorado em uma visão de temor e amedrontamento, apoiado no modelo exclusivo da saúde que circula nos discursos sociais. São evidenciados nos dois grupos alguns elementos negativos como a morte e o medo, o que aponta para o discurso hegemônico da mídia.

Sobre essa influência da mídia na construção das representações sociais negativas em relação às drogas e seus usuários, Ribeiro (2008) explicita em sua pesquisa que as RS sobre drogas na escola e alunos usuários estão ancoradas no modo como a grande mídia trata a tema, de forma alarmista e sensacionalista, influenciando grande parte dos professores que associa drogas na escola à violência. Verificou-se que a objetivação do aluno usuário de drogas é simbolizada como doença e que o grupo pesquisado segue as RS há muito tempo estruturadas na sociedade, tendo a normalidade como sinônimo de saúde e a drogadição como condição desviante, decorrente de patologias.

Porém, enquanto alguns professores caracterizam os alunos usuários de drogas como violentos, apáticos, tristes e carentes, outros professores os enxergam como “descolados”, que mesmo usando essas substâncias, são ótimos alunos. Alguns professores da pesquisa demonstraram que preferem se omitir ao identificarem um aluno usuário de drogas e em casos extremos, agem de maneira repressora, mandam os alunos para fora da sala de aula ou chamam a polícia. Na tese de Dalbosco (2011) ela destaca que as drogas são diretamente relacionadas à violência pelos professores e que, sobretudo o usuário de drogas é visto, por muitos deles, ainda como caso de polícia. Porém, muitos educadores, em contraposição, possuem uma visão mais sistêmica e complexificada da questão, não reducionista.

Em seu estudo intitulado “As Representações do crack de estudantes do ensino fundamental no município do Rio Grande-RS”, Valério (2011) observou que mesmo



suscitando nos discursos e nas representações dos estudantes questões referentes ao paradigma da redução de danos, o paradigma proibicionista aparece com mais destaque e este está alicerçado em princípios de controle bastante repressivos. Como resultados e discussões da pesquisa, nas representações encontradas em relação ao crack, foi possível perceber objetivações, as quais, indicam que as representações midiáticas estão atuando de forma hegemônica instituindo o paradigma de “guerra às drogas”, o qual, ancora imagens em torno do crack, relacionando-as com imagens de violência e de estereótipos sociais. Nesse sentido, a pesquisa descobriu que os usuários são representados pelas crianças e jovens como drogados, ao mesmo tempo, clientes dos vendedores de drogas. Contudo, sem serem criminalizados, mas, representados, ora como sujeitos passíveis de intervenção social e clínica, ora, passíveis de degeneração social e de violência.

Dentre os estudos mais recentes e sobre essa visão estigmatizante que está registrado ao longo dos trabalhos realizados, destacamos os resultados de Moreira; Vóvio e Michelli (2015), onde apontam que os educadores possuem muitas informações em consonância com o saber científico, principalmente relacionado aos efeitos do consumo de drogas e às suas consequências orgânicas. Sobre as motivações e implicações do uso dessas substâncias, prevalecem representações sociais ancoradas nas noções de ordem moral, vinculadas ao estereótipo de doença. As falas dos professores-participantes demonstram maior tolerância com o consumo de drogas lícitas como o álcool. Em linhas gerais, o dependente de drogas é caracterizado por aspectos negativos, como um desviante, um anormal, e recai sobre ele a associação com o crime e a violência; reprodução de estereótipos e a estigmatização do usuário; relação causal drogas-crime.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens associadas a estes sujeitos estão hegemonicamente ligadas às concepções negativas, sendo representados como criminosos, perigosos, doentes, viciados, violentos, vulneráveis, corroborando com a visão de temor e de amedrontamento. Em contraposição, algumas pesquisas começam apontar para uma compreensão mais sistêmica e complexificada da questão, considerando aspectos contextuais e não reducionistas. Há ainda uma importante lacuna quanto à voz dos alunos nas pesquisas, sendo o professorado o grupo mais estudado.

Diante do exposto, fica evidente que muito ainda temos a avançar nos estudos sobre drogas, escola e Representações Sociais. A rede de ensino que os autores e autoras vem se



dedicando a pesquisar tem sido a rede pública, com direcionamento para o Ensino Fundamental e Médio, pois a faixa-etária que interessa às práticas preventivas sobre drogas estão relacionadas a esse período educacional. Além do cunho preventivo, a escola também é caracterizada como espaço favorável a proporcionar o desenvolvimento da pessoa humana crítica.

As representações sobre o processo preventivo no contexto escolar é abordado pelos estudos que vem sendo publicados, nos últimos anos, de maneira hegemônica, enquanto os trabalhos que direcionam o olhar para os alunos que usam drogas ainda são escassos. O educador é pensado como fundamental ao se colocar em prática as políticas e programas de prevenção às drogas no âmbito educacional, identificados como “atores em primeiro plano”, os estudos tem ao mesmo tempo apontam perda a potencialidade dos educadores na prevenção primária (ACSERALD, 2005) e por outro, problematizado a formação dos mesmos, vista como deficitária por não serem preparados para trabalhar temas complexos como o das drogas em sua prática pedagógica, bem como sobrecarga em suas atribuições, o não- reconhecimento profissional e reduzida realização pessoal (MEIADO, 2008), dificultando a efetivação do que lhe é demandado.

Além disso, Meiado (2008) discute em sua tese sobre a difícil tarefa de tomar posições críticas e concretas no contexto escolar, quando se pensa na prevenção ao uso indevido de drogas, por ser considerada uma prática “tenebrosa”, visto que os professores estão, segundo ela, inseridos em um contexto em que o uso e tráfico de drogas é uma realidade, criando barreiras para uma abordagem crítica-reflexiva. Logo, entendemos que se faz necessário ampliarmos os olhares frente a uma temática tão complexa, que envolve tantos condicionantes, tanto no contexto escolar, quanto fora dele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Gilberta. A Educação para a Autonomia: construindo um discurso democrático sobre as drogas. In: *Aversos do Prazer: drogas, Aids e direitos humanos*. (org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 183-212.

ANJOS, Marcelo Lessa dos. *Representações sociais sobre as drogas: análise do discurso retórico de professores do Ensino Fundamental II*. 2015. (Dissertação de Mestrado).



ARRUDA, Ângela. Representações sociais: emergência e conflitos na psicologia social. In: BAPTISTA, Luiz Antonio dos Santos. (org). *Anuário do laboratório de subjetividade e política*. Niterói: Universidade Federal Fluminense. Ano I, V.1, 1992.

ARALDI, Jossara Cattoni et al . Representações sociais dos professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência: repercussões nas ações de prevenção na escola. *Interface - Comunic, Saúde, Educ*, 2011.

CARNEIRO, Henrique. As drogas e a História da Humanidade. *Revisa Diálogos*. Nov. 2009.

CAVALCANTE, Cláudia Virginia Galindo et al. Representações de um grupo de docentes sobre drogas: alguns aspectos. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)*, v. 7, n. 2, p. 114-126, 2005.

CUVELLO, Sulamita Taita Vitorino *Representação Social de Adolescentes sobre o Viciado em Drogas*. 2004. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo. Ensaio. Belo Horizonte, v.07, n.02, p. 114-126, mai/ago, 2015.

DALBOSCO, Carla. *Representações sociais de educadores de escolas públicas sobre situações- -problema relacionadas ao uso de álcool e outras drogas*. Tese de Doutorado. Programa de Pós- -Graduação em Psicologia Clínica e Cultura. Brasília: Universidade de Brasília, DF, 2011.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GIL, Gilberto.; FERREIRA, Juca. Apresentação: a cultura, o Estado e os diversos usos das “drogas”. In: LABATE, B. C. et al. (Orgs). *Drogas e Cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, pp. 09-13.

LOPES, Jandicleide E.vangelista *As representações sociais de prevenção ao abuso de drogas dos professores do ensino fundamental: um estudo de caso*. 2003. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Paraná.

MARTINI, Jussara. G.; FUREGATO, Antonia Regina Representações sociais de professores sobre o uso de drogas em uma escola de ensino básico. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto , v. 16, n. spe, p. 601-606, Aug. 2008 .

MEIADO, Adriana Campos *Prevenção também se ensina? Análise do programa estadual de prevenção ao uso indevido de drogas na escola no município de Pederneiras*. 2008.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MOREIRA, André; VÓVIO, Cláudia. Lemos; de MICHELI, Denise. Prevenção ao consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para a atuação do educador. *Educação e Pesquisa*, v. 41, n. 1, p. 119-135, 2015.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes, 2003.



MOTA, Leonardo *Dependência química e Representações sociais: Pecado, crime ou doença?* Curitiba: Juruá, 2009.

NOTO, A. R. et al. Drogas e saúde na imprensa brasileira : uma análise de artigos publicados em jornais e revistas. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, V. 19, N. 1, p. 69-79, 2003.

RIBEIRO, Fátima Regina Matos *Drogas e alunos usuários de drogas na escola: Estudo de Representações Sociais de Professores do Ensino Médio da rede Estadual de São Paulo. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.*

VALÉRIO, Raquel Coelho *As representações do crack de estudantes do ensino fundamental no município de Rio Grande-RS.* 2011.